

Ana Z., aonde vai você?

MARINA COLASANTI

Ilustrações da autora

PRÊMIO JABUTI

PRÊMIO FNLIJ - O MELHOR PARA O JOVEM

O texto ficcional desta obra é o mesmo das edições anteriores

Ana Z., aonde vai você?

© Marina Colasanti, 1992

DIRETOR EDITORIAL · Fernando Paixão

EDITORA · Gabriela Dias

EDITOR ASSISTENTE · Fabricio Waltrick

APOIO DE REDAÇÃO · Pólen Editorial e Kelly Mayumi Ishida

PREPARADORA · Ruth Kluska Rosa

COORDENADORA DE REVISÃO · Ivany Picasso Batista

REVISORA · Liliane Fernanda Pedroso

ARTE

PROJETO GRÁFICO E CAPA · Tecnopop

EDIÇÃO · Cintia Maria da Silva

ASSISTENTE · Ana Paula Fujita

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA · Tecnopop

FONTE · FF Quadraat (Serif, Sans, Sans Condensed & Head),
de Fred Smeijers, editada pela FontShop em 1993

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS · RJ

C65a

13.ed.

Colasanti, Marina, 1937-

Ana Z., aonde vai você? / Marina Colasanti. -

13.ed. - São Paulo : Ática, 2007

88p. ; il. - (Sinal aberto)

Apêndice

Inclui bibliografia

Contém suplemento de leitura

ISBN 978-85-08-10529-8

1. Maturidade - Literatura infantojuvenil.
2. Fantasia - Literatura infantojuvenil. I. Título. II. Série.

06-2493.

CDD 028.5

CDU 087.5

ISBN 978 85 08 10529-8 (aluno)

CL: 735415

CAE: 211397

2019

13ª edição, 12ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A. · 1993

Avenida das Nações Unidas, 7221, Pinheiros - CEP 05425-902 - São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Quando a realidade é mais fantástica do que a imaginação

De repente, na sua frente surge uma velha tricotando um fio de água. Adiante, um mineiro garimpando ouro para fazer escamas de peixe... Seria um sonho? Você belisca o próprio braço e, espantado, descobre que não está dormindo — e que as imagens são verdadeiras!

O que aconteceria **se a realidade fosse mais fantástica do que a imaginação?**

Por conta de uma simples curiosidade, Ana Z. — personagem principal deste livro mágico e premiado de Marina Colasanti — descobre-se nessa situação: numa circunstância extraordinária, na qual o absurdo e o inesperado se tornam possíveis. Tudo começa quando Ana se debruça para ver se há água em um poço e, acidentalmente, as contas de seu lindo colar caem lá no fundo.

Ela resolve descer para tentar resgatá-las, e aí começa a viver uma história incrível.

E nada daquilo é um sonho.

Quer saber até onde vão os limites da verdade? Então embarque com Ana nessa aventura surpreendente e descubra um lugar de múltiplas e inacreditáveis possibilidades, onde fantasia e realidade se fundem em uma coisa só.

Ao final do livro, não deixe de ler a entrevista com Marina Colasanti. Além de falar sobre sua vida e obra, ela explica algumas ideias que estão por trás da intrigante saga de Ana Z.

Não perca!

- *Novos mundos e culturas descobertos numa viagem surreal.*
- *A imaginação e a curiosidade ampliando os horizontes da personagem.*

Sumário

1 · Ana Z.....	7
2 · Começando do fundo.....	9
3 · Toupeira quase cega, quase muda.....	12
4 · Muito ouro, sem tesouro.....	13
5 · Esse lugar é de morte.....	17
6 · De grão em grão Ana avança.....	24
7 · Um desejo de muitos desejos.....	29
8 · Onde ela se meteu?.....	32
9 · Quem conta um conto.....	35
10 · Mais cara que um camelo.....	41
11 · De vento em popa.....	48
12 · De vento em vento.....	52
13 · A cidade sem igual.....	54
14 · O que os olhos não veem.....	61
15 · Um salto rumo às estrelas.....	66
16 · A ação imprevista.....	67
17 · Era uma vez o oeste.....	72
18 · De volta ao começo.....	74
19 · O fundo recomeço.....	76
20 · enFIM.....	79
Bate-papo com Marina Colasanti.....	81
Obras da autora.....	86



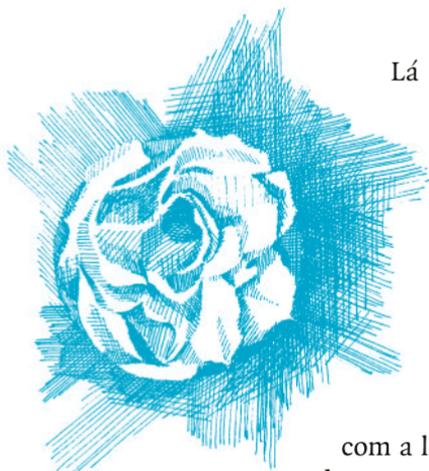
*Para Daniela Colasanti,
minha sobrinha*

Ana Z.

Esta história começa com Ana debruçada à beira de um poço. Acho que chegou ali por acaso, mas não posso jurar. Não sei nem mesmo se o poço está num campo ou num jardim. A verdade é que não sei nada da vida de Ana antes deste momento. Sei que a letra Z é do seu sobrenome, mas ignoro as outras letras. Desconheço tudo o mais a respeito dela. Eu a encontro como vocês, pela primeira vez, menina à beira de um poço, em que agora se debruça.

Ana quer ver a água no fundo. É provável que quisesse até ver o seu reflexo. Mas não vê. Por mais que olhe, vê só uma escuridão redonda e comprida, como um túnel em pé. E nenhum brilho lá embaixo. Então cospe, para ouvir o barulho do cuspe batendo na água.

É talvez para ouvir melhor que inclina a cabeça um pouco de lado e estica o pescoço. Mas nesse gesto... plaft! O colar de contas brancas, contas que eu vi bem antes dela se inclinar, e que são de marfim, cada uma entalhada no feitio de uma rosa, prende-se no botão da blusa, e parte-se. Num instante, uma após a outra, como meninas em fila ou gotas de choro, as contas caem na escuridão do poço. E Ana, sem tempo para reagir, vê cada conta tornar-se uma mancha branca, depois manchinha branca, ponto branco, pontinho, branco nenhum.



Lá embaixo, nada se mexe. Nem Ana ouve qualquer barulho de água.

“Meu colar!”, pensa com força, quase pudesse pescá-lo com seu desejo. Meio que chora, meio que olha em volta procurando solução. Pois solução tem que haver para colar tão querido.

Já vai esfregar os olhos para com a lágrima apagar a ardência, quando estes veem os degraus, e não querem mais saber de esfregação. Não são degraus

de verdade, feito os da escada da casa de Ana. São degraus de ferro, escuros de ferrugem, cravados como alças nas paredes do poço. Não têm um ar muito animador, nem muito firme. Mas é por eles que Ana pode ir buscar as contas do seu colar.

Vamos descer com Ana. Devagar. Passar uma perna por cima do poço, testando o degrau com o pé, o corpo ainda metade para fora metade para dentro. Agora a outra perna. Cuidado. A beira do poço é escorregadia, as paredes são cheias de limo. Ana não sabe se suas mãos estão suando, ou se é a umidade dos degraus, mas segura firme. Os pés tateiam. O coração está muito mais apressado que ela. Um degrau. Outro. Mais um.

— Afinal — diz Ana baixinho, tentando minimizar a descida —, um poço é só uma chaminé ao contrário.

Depois dos cinco primeiros degraus, sente-se mais confiante. Não em relação ao poço, mas em relação aos degraus. Já sabe que eles aguentam, pode descer. Só não sabe o que a espera lá embaixo.

Descendo, enquanto cuida de manter o medo quietinho no fundo do estômago, Ana perde a conta dos degraus. Sabe que são muitos. Olha para cima, procurando ter uma ideia da distância. Vê, dos lados, o escuro do poço, a boca lá no alto, redonda, luminosa. E, à medida que desce mais, e mais, o escuro parece crescer, a boca vai diminuindo. Até ficar redondinha e pequena, espécie

de lua clara em negro céu. Ana está justamente olhando para ela, quando o pé, já acostumado com os degraus, leva um susto. De repente, tocou o chão.

2

Começando do fundo

Com os dois pés no chão e as mãos ainda nos degraus, para poder fugir depressa se for preciso, Ana tenta ver alguma coisa ao redor. Está tudo tão preto que a princípio não consegue enxergar nem mesmo seus pés. Porém, aos poucos, os olhos se acostumam. E, como se a lua lá no alto tivesse saído de trás de alguma nuvem, Ana começa a entrever a presença de uma pessoa sentada.

— Olá — diz a pessoa, com a delicadeza de quem acha perfeitamente normal ver uma menina chegar ao fundo do próprio poço.

— Oi — responde Ana, que agora distingue claramente uma senhora de cabeça branca.

Por cima do seu tricô, a senhora sorri. Empunha duas agulhas vermelhas, grandonas, e o fio sai de dentro de um balde. Ana estranha. Por que o balde? Mas a pergunta que Ana trouxe consigo lá de cima não aguenta esperar, e pula na frente, antes de qualquer outra.

— Por acaso, a senhora viu as contas do meu colar caindo aqui embaixo? — pergunta com sua voz mais gentil.

— Ahhh!?! Eram contas?? — desapontada, a senhora deixa cair o tricô no regaço. Olha para cima, como se pesquisasse aquele distante pedaço de céu. E diz para si mesma: — Que pena... —. Depois, para Ana: — Pensei que fosse granizo. Fiquei tão contente!... A gente bem que precisava de um pouco de granizo — suspira pensativa. — Há tanto tempo não chove.

E logo, voltando a sorrir: — Mas se são contas... devem estar por aí no chão, devem ter rolado. Procure, menina, procure que você acha.

De cócoras primeiro, depois de quatro — que se dane a sujeira nos joelhos —, Ana vai passando a mão pelo chão, buscando as